

*Discurso na solenidade de entrega do Prêmio
Incentivo à Educação Fundamental - 2002,
por ocasião do Dia do Professor*

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 15 DE OUTUBRO DE 2002

Estimado amigo e Ministro Paulo Renato; Doutor Carlo Lovatelli, Vice-Presidente da Fundação Bunge; Maria Helena Guimarães Castro, Secretária Executiva do Ministério; Doutor Pedro Paulo Popovic; Professora Iara Prado, Secretária de Educação Fundamental do MEC; Maria Bonomi, da Fundação Bunge; Professores e Professoras que foram agraciados,

Eu queria falar muito brevemente, para dizer que é com muita satisfação que, creio que pela oitava vez, concedo este prêmio, que é uma espécie de símbolo do que achamos que é preciso ser feito no Brasil: despertar vocações, treinar as pessoas, dar atenção, dar consideração e, sobretudo, educar.

Não vou repetir o que disse o Ministro Paulo Renato, por desnecessário. Mas a verdade é que, nesses oito anos, pudemos realmente dedicar boa parte dos nossos esforços ao, se posso dizer assim, eu não diria o renascimento, mas, mais que o batismo, ao crisma, à confirmação da importância que a educação tem para a formação de um povo, para o fortalecimento da República.

Hoje, aqui, ao escutar os professores e as professoras, com essa força, com essa simplicidade, com esse desembaraço, reafirmo em mim a convicção de que é por aí, realmente, que devemos continuar caminhando.

Não são muitos os países em que, com tanta naturalidade, um prêmio que simboliza uma pequena ajuda que desperta o entusiasmo, se distribui do modo como aqui acabamos de fazer, como se estivéssemos em casa.

Nunca sei quantos beijos devo dar, se é um, dois ou três. Sou de outra geração, fico um pouco encabulado - eu, não os que vêm aqui ou as que vêm aqui. Mas isso é muito simpático, é muito agradável e muito bonito. E, de repente, quando se vê o modo como as pessoas encaram este prêmio, a generosidade como compartilham o prêmio com a Fundação Bunge, com os alunos, com a família, com o marido, com os pais, com o Secretário de Educação. Cada um dos que vieram aqui, à frente, para tirar uma fotografia tinha uma relação diversa com o premiado, mas sempre uma relação afetiva. Mesmo quando funcional, era uma relação afetiva.

Quando a gente vê que há pessoas como o Cláudio Almeida Cavalcante... Quando ele saltou aqui, eu disse: “Meu Deus, o que será que vai acontecer?” Lembrei-me do jogador Vampeta, no dia em que eu fui dar uma medalha, aqui fora, para os que ganharam o Pentacampeonato. De repente, ele deu um salto e “vai pular em cima de mim”. Não, deu várias cambalhotas e não aconteceu nada. Este, agora, foi mais gentil, não foram cambalhotas, foram frases que nos encantaram, a começar do título: “Arte com arte”. Realmente, vê-se que é uma pessoa que tem uma criatividade tremenda, que é um exemplo vivo do que é a força cultural do nosso país, do nosso povo.

Então, acho que tudo isso, apesar de todas as dificuldades pelas quais nós passamos - e, enfim, há que enfrentá-las -, motiva estar aqui, na função que nós exercemos. Não eu apenas, mas sei que todos os que estão aqui, que trabalham com tanto afinco na questão educacional e que sabem das dificuldades tão bem e, às vezes, até melhor que eu, se sentem certamente motivados, como o Ministro Paulo Renato, por ver que esse esforço é recompensado pela formação de pessoas, formação de professoras, professores, de alunos, que depois vão se aprimorando e

não apenas na educação fundamental, no curso médio, no curso superior, nas pesquisas, e por aí vai. Isso é o que realmente deixa a gente contente, saber que algo estamos fazendo. E fizemos o que foi possível.

Nem sempre as coisas são perceptíveis. É difícil, muitas vezes, perceber, no momento em que os processos estão ocorrendo, as transformações que efetivamente estão sendo introduzidas. Mas tenho certeza, Paulo Renato, de que, quando houver a tranqüilidade da história, quando as pessoas puderem analisar com objetividade e não com interesses - legítimos, mas são interesses políticos -, quando puderem olhar o período em que você foi Ministro, vão verificar que, realmente, não houve Ministro que tenha feito mais pela educação no Brasil do que o Ministro Paulo Renato.

Ele, tranqüilamente, se compara com os que mais fizeram. E os que mais fizeram, fizeram há muitas décadas, quando efetivamente, de alguma forma, foi plantada uma nova visão no Brasil. Mas há muitas e muitas décadas, quando homens ilustres ocuparam o Ministério. Alguns deles têm nomes até nos prédios do Ministério, como Gustavo Capanema. Ele foi outro marco do movimento educacional no Brasil.

Isso me faz lembrar o quanto, na área educacional, houve esforços importantes no Brasil. Eu mesmo trabalhei com pessoas que se dedicaram muito ao ensino, e ao ensino fundamental: Anísio Teixeira, com quem convivi, eu próprio, num conselho de um Centro de Estudos Pedagógicos, que Maria Helena dirigiu, anos mais tarde; Fernando de Azevedo; Florestan Fernandes. Pessoas que marcaram a sua presença no Brasil, porque entenderam que era preciso fortalecer a educação fundamental e a escola pública, universal, gratuita, democrática, escola republicana, sem a qual não existe, efetivamente, a formação de uma sociedade mais sólida, uma sociedade realmente democrática.

Para mim é muito prazeroso ver esses acontecimentos na área de educação, porque eu também fui professor a minha vida toda. Quando eu tinha, acho que 19, senão 18, já dava aula em cursinho e quando tinha 20 anos fui professor da USP e tiveram que fazer um decreto especial porque eu não tinha terminado o curso, para poder ter o direito de ser professor na Faculdade de Economia. E, de lá para cá, enquanto pude

trabalhar em atividades em que me deixaram ou quando não pude trabalhar, depois, quando passei a ter funções públicas, não fiz outra coisa na minha vida a não ser dar aulas. E, também, na minha família é assim. Minha mulher, a mesma coisa. Tenho uma filha que se dedica à educação basicamente fundamental. De modo que sou professor, de uma família de professores, o que me deixa muito feliz de ver, aqui, que nós estamos realmente avançando nessa matéria.

E neste dia de hoje, que é o Dia do Professor, nós estamos - como disse o Ministro - celebrando. Celebrando e vendo que a sociedade reconhece o trabalho do professor. A Fundação Bunge tem feito um esforço nesse sentido que é muito importante, porque faz a diferença. E faz mesmo a diferença. E é preciso que nós valorizemos isto.

Por fim, ao cumprimentá-los e ao agradecer a todos aqui presentes pelo que têm feito pelo Brasil, eu queria também agradecer... O Ministro Paulo Renato referiu-se ao fato de que as Nações Unidas me concederam, hoje, um prêmio, e devo dizer que não li, ainda, o comunicado do prêmio. Mas, de qualquer maneira, eu conheci o nome da pessoa do prêmio, que é um economista paquistanês, Mahbub ul Haq. Ele foi quem inventou o IDH, que é o Índice de Desenvolvimento Humano. E esse prêmio é para quem, na área política, mais fez para melhorar o Índice de Desenvolvimento Humano.

Eu, algum tempo atrás, disse que nós aqui no Brasil estávamos sofrendo uma espécie de “dissonância cognitiva”. Às vezes, eu uso umas palavras difíceis, porque aí a imprensa vai ao dicionário, vê o que é, faz um box, chama a atenção, porque senão a gente fala e não acontece nada. Então, eu disse que nós sofríamos, aqui, de dissonância cognitiva. Eu me referia à economia naquela época - não faz muito tempo isso -, porque a situação objetiva me parecia ser muito melhor do que os mercados percebiam, com as especulações e tal. Então, não apreendiam.

Pois bem, na questão do desenvolvimento social, também. Na questão do desenvolvimento social, da educação, da saúde, como disse o Ministro Paulo Renato, no acesso a terra, na valorização do ser humano, houve muita coisa aqui no Brasil, e as pessoas parece que acham que não ou não percebem que houve.

De modo que é bom ver que o prêmio que leva o nome do fundador do Índice de Desenvolvimento Humano, presidido esse Comitê pelo Stiglitz - Joseph Stiglitz é Prêmio Nobel da Economia, é o maior crítico do Fundo Monetário Internacional -, vem de lá e diz que foi aqui, no Brasil, onde mais se avançou no Índice de Desenvolvimento Humano. Só posso ficar feliz. Para mim, nada melhor que isso.

Muito obrigado.